

Atitudes de pais e filhos a respeito do papel da mulher na sociedade contemporânea: um estudo comparativo entre os sexos e entre duas gerações.

*Cristina Maria Coimbra Vieira*¹

Pretende-se com esta comunicação dar a conhecer os resultados parciais de um estudo alargado, feito no âmbito da preparação de uma tese de doutoramento em Ciências da Educação, sobre as atitudes para com a mulher por parte de pais e filhos adolescentes, da região de Coimbra. Os dados que são apresentados, referem-se apenas a 242 sujeitos, pertencentes a 89 famílias, das 260 por nós contactadas. Trata-se de uma amostra aleatória, que foi seleccionada através dos adolescentes que frequentavam, no ano lectivo de 1998/99, o 10º ano de escolas secundárias da cidade de Coimbra. Com a informação que agora dispomos, somos levada a afirmar que o sexo feminino se mostra, de um modo geral, mais liberal do que o sexo masculino, e as filhas mais liberais do que as mães, na maior parte dos aspectos abordados na AWS (*Attitudes Toward Women Scale*), de Spence e Helmreich (1972). Todavia, estas conclusões devem ser encaradas com cautela, uma vez que só analisámos cerca de um terço das famílias da nossa amostra.

As atitudes para com a mulher, em diferentes países do mundo, têm vindo a mudar ao longo das últimas décadas, devido a diversos factores, entre os quais citamos, como exemplos, a alteração do quadro legislativo, o alargamento do sistema educativo, as novas realidades familiares e a abertura e diversificação do mercado de trabalho.

Na sequência destas transformações, surgiu a necessidade de redefinir, ou de reconceptualizar, crenças tradicionais e de estudar, empiricamente, os novos papéis atribuídos ao homem e à mulher.

Estudos feitos em diversos países, desde o início dos anos 70 (*e.g.*, Spence e Helmreich, 1972; Helmreich, Spence e Gibson, 1982; Dambrot, Papp e Whitmore, 1984; Loo e Thorpe, 1998), apontam para uma progressiva liberalização das atitudes, por parte de ambos os sexos, e uma cada vez menor diferença entre as opiniões emitidas pelo homem e pela mulher. No entanto, e de uma maneira geral, os indivíduos do sexo masculino e as pessoas mais velhas continuam a manifestar atitudes mais conservadoras para com o sexo feminino.

Num estudo efectuado no Canadá (Loo e Thorpe, 1998) a meio da década de 70, e repetido 20 anos depois, em meados dos anos 90, com duas amostras equivalentes de estudantes do ensino superior, verificou-se uma nítida liberalização das atitudes para com a mulher, traduzida no menor grau de conservadorismo revelado nas atitudes expressas por ambos os sexos. Todavia, a comparação das respostas dadas por rapazes e por raparigas permitiu constatar que estas últimas são, de um modo global, mais liberais do que os primeiros.

As áreas, em que o sexo masculino continua a manifestar-se mais conservador, têm a ver, por um lado, com as responsabilidades familiares e conjugais da mulher e, por outro, com os papéis assumidos nos domínios académico e profissional (Loo e Thorpe, 1998, p. 909).

Uma outra investigação levada a efeito nos anos 80, com três gerações de mulheres, avós, mães e filhas, colocou em evidência uma diferença significativa entre os três grupos, quanto ao grau de conservadorismo demonstrado: as filhas apresentaram os resultados mais elevados, que traduziam atitudes mais liberais, as avós obtiveram os resultados mais baixos e as mães situaram-se numa posição

¹ Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra*

intermédia (Dambrot, Papp e Whitmore, 1984, p. 471).

É de referir que todos os estudos apontados, anteriormente, utilizaram, como principal instrumento de recolha de dados, a versão completa (55 itens) da *The Attitudes Toward Women Scale* (AWS) de Spence e Helmreich (1972), que estamos a utilizar no âmbito da nossa investigação.

Em Portugal, foi, sem dúvida, a conquista da democracia que abriu à mulher novas perspectivas quanto à sua participação na sociedade, como cidadã de pleno direito. Porém, nos últimos tempos, o tema da igualdade de oportunidades assumiu novo interesse, chegando mesmo a utilizar-se a imprensa escrita e a televisão para promover atitudes mais igualitárias (e.g., divisão das tarefas em casa). E, no actual Governo, esta preocupação traduziu-se na criação do Ministério da Igualdade.

Todavia, estudos empíricos conduzidos, entre nós, revelaram também a existência de estereótipos sexuais em diferentes faixas etárias (e.g., Simões, 1983, 1990, 1993; Neto, 1992, 1993, 1995/96; Neto *et al.*, 1989; Amâncio, 1994; Oliveira, 1994).

Embora se defenda que, no nosso país, os estereótipos sexuais “estão a evoluir, no sentido de uma maior igualdade entre os sexos a todos os níveis” (Oliveira, 1994, p. 95), os dados disponíveis continuam a apontar para a existência de diferenças, na forma como são definidos os papéis considerados apropriados para o homem e para a mulher.

De facto, algumas investigações decorrentes da teoria da aprendizagem social, por exemplo, têm dado confirmação empírica à ideia de que os pais continuam a tratar os filhos e as filhas de maneira diferente, chegando a reforçar, de um modo diferencial, alguns dos seus comportamentos (Block, 1978; Sherman, 1978, citados por Hyde, 1995, p. 61). Além disso, ao compreender o nome dado ao seu género e à sua identidade sexual, a criança desenvolve, ao mesmo tempo, uma certa consciência dos estereótipos sexuais (Turner e Gervai, 1995, p. 759), e tenta comportar-se de acordo com as expectativas culturais aprendidas a respeito do seu género.

Numa investigação que efectuou com uma amostra portuguesa, Oliveira (1994) verificou que muitos pais estão convictos de que “educam do mesmo modo rapazes e raparigas, e de facto, à primeira vista não é fácil detectar diferenças” (p. 94). Porém, face ao que acaba de afirmar-se, pode duvidar-se que, realmente, assim seja, fazendo-se sentir a necessidade de mais dados empíricos.

No estudo que estamos a desenvolver, pareceu-nos importante questionar, directamente, pais portugueses (considerados individualmente, pai e mãe) e os respectivos filhos, acerca daquilo que pensam ser os papéis e comportamentos adequados à mulher, por diversas razões que, a seguir, apresentamos.

Em primeiro lugar, porque, como já dissemos, a família tem uma importância crítica na formação, quer da identidade do género, quer na aprendizagem — e na consequente avaliação — dos papéis de género pelas crianças e adolescentes.

Em segundo lugar, porque em Portugal, a grande maioria das investigações realizadas sobre as questões do género tem sido desenvolvida em diferentes contextos como a escola, as empresas, mas poucas são aquelas que têm incidido na esfera familiar, ouvindo os seus vários elementos.

Por último, porque nos parece de toda a relevância ter dados recentes sobre o modo como é concebido em Portugal o papel da mulher, para podermos efectuar comparações com dados recolhidos noutros países. Estudos recentes, que se encontram documentados no *European Review of Social Psychology* (1994), reforçam a ideia de que a mulher tem vindo a ser cada vez mais avaliada, globalmente, de modo positivo em instrumentos que medem atitudes e estereótipos. Porém, uma análise mais fina e precisa do tipo de itens que contribuem para essa ‘positividade’ da avaliação efectuada, permite verificar que a mulher recebe uma pontuação mais vantajosa em itens relacionados com a esfera da “comunhão” (*communion*, em inglês, por oposição a *agency*), as quais pressupõem o desempenho de papéis associados à vida doméstica, ou ainda o desempenho de profissões consideradas femininas, habitualmente mais mal pagas

e com menor prestígio (Eagly e Mladinic, 1994, pp. 1-2).

Tendo estes dados em mente, não devemos então pensar que a tão falada progressiva liberalização das atitudes para com a mulher, por parte da sociedade em geral, é extensível, como seria desejável a todos os domínios da vida das mulheres.

As implicações de investigações desta natureza são fundamentais para chamar a atenção dos pais e das diversas entidades e agentes de educação para a presença continuada de estereótipos, ditos tradicionais, no nosso 'inconsciente colectivo'.

METODOLOGIA

Amostra

A nossa amostra é composta por 242 sujeitos (dos 250 inicialmente previstos, 8 tiveram de ser excluídos), pertencentes a 89 famílias de Coimbra, escolhidas aleatoriamente, a partir dos filhos, adolescentes, que frequentavam turmas do 10º ano, em escolas secundárias da cidade, no ano lectivo de 1998/99. Trata-se de uma amostra aleatória por agrupamentos, dado que começámos por escolher aleatoriamente as escolas e, dentro de cada uma delas, as turmas, cujos elementos integraram a amostra na sua totalidade.

Em termos específicos, os resultados que, a seguir, apresentaremos, correspondem às respostas de 136 mulheres e 106 homens, sendo 69 pais (progenitor do sexo masculino), 84 mães, 38 filhos e 51 filhas.

Procedimento

Depois de serem contactadas por carta e de se terem disponibilizado a participar na investigação, assinando o encarregado de educação, para o efeito, uma autorização, as famílias foram visitadas, nas suas próprias residências, em data previamente combinada.

Em cada família, era solicitado que três elementos da mesma — pai, mãe e filho ou filha — respondessem, individualmente, aos instrumentos de recolha de dados.

Em virtude de encontrarmos muitas famílias monoparentais, em que os pais estavam separados ou divorciados (e, em alguns casos, um dos progenitores já ter falecido), nem sempre nos foi possível recolher dados de todos os elementos.

Instrumento de recolha de dados

Para a recolha dos dados desta investigação, utilizámos a versão completa da AWS (*Attitudes Toward Women Scale*), de Spence e Helmreich (1972). É um instrumento composto por 55 itens, cotados, segundo uma escala de tipo Likert, em 4 pontos, que vai de 0 (concordo totalmente) a 3 (discordo totalmente), e tem como objectivo averiguar atitudes a respeito dos deveres e direitos da mulher, na sociedade. À pontuação mais elevada (3) correspondem as atitudes mais liberais.

Os itens desta escala abrangem seis áreas diferentes da vida da mulher: papéis profissionais, educacionais e intelectuais (1ª subescala, 17 itens), liberdade e independência (2ª subescala, 4 itens), relações sentimentais, namoro e regras sociais (3ª subescala, 7 itens), hábitos de bebida, de dizer palavrões e de contar anedotas (4ª subescala, 3 itens), comportamento sexual (5ª subescala, 7 itens) e obrigações e relações familiares (6ª subescala, 17 itens).

É possível obter um resultado global por sujeito, ou fazer uma análise das respostas, de acordo com cada uma destas seis subescalas, embora os seus autores admitam esta segunda possibilidade apenas para fins académicos (de investigação).

A consistência interna desta escala é bastante satisfatória dado que para a versão completa (55 itens), que estamos a utilizar, foi encontrado um valor de *alpha* de Cronbach igual a .92 (Daugherty e Dambrot, 1986, p. 450). Índices relativos à fidelidade teste-reteste deste instrumento, estão também disponíveis em diversas publicações. Por exemplo, com uma amostra de 330 indivíduos, Rowland (1977, citado por Daugherty e Dambrot, 1986, p. 450) encontrou uma correlação de .92, para os homens, e de .93, para as mulheres, entre duas aplicações desta escala, com um intervalo de oito semanas.

Embora um ou outro item possa ser considerado menos actual, uma vez que este instrumento foi concebido no início dos anos 70, nos EUA, no auge dos movimentos sociais de libertação da mulher, a AWS continua a ser a mais utilizada na literatura para medir as atitudes para com o sexo feminino (Beere, 1990). Além disso, alguns autores (e.g., Loo e Thorpe, 1998, p. 910) têm mesmo salientado a sua relevância na detecção de certos aspectos, em relação aos quais continuam a existir opiniões estereotipadas, também por parte das próprias mulheres.

RESULTADOS

Consistência interna

O cálculo da consistência interna deste instrumento permitiu chegar a um *alpha* de Cronbach de 0.90 para a escala global, o que constitui um excelente indicador da sua fidelidade.

Resultado global na AWS, em função do sexo

O Quadro 1 apresenta as médias e os desvios-padrão, por sexos.

Quadro 1
Valores da média e do desvio-padrão,
em função do sexo, para a escala global.

	Média	Desvio-padrão
Feminino (n=136)	118.5	17.77
Masculino (n=106)	109.4	19.44

Com interesse para a validade discriminante são os escores relativos às diferenças entre os sexos. Neste sentido, recorrendo à análise da variância, verificou-se que as mulheres se manifestaram, de um modo geral, mais liberais do que os homens: $F(1, 240)=14.28$; $p=.0002$ (ver Quadro 2).

Quadro 2
Análise da variância a um critério
(Efeito do sexo sobre o total da escala AWS)

Fonte	DF	Soma dos Quadrados	Quadrados Médios	F
Intergrupos	1	4896.26	4896.26	14.28
Intragrupos	240	82270.04	342.79	$p=.0002$
Total	241	87166.30		

Resultado global na AWS, em função dos quatro grupos considerados

Em termos gerais, encontramos aqui dados curiosos que, no entanto devem ser encarados com precaução, dado que a nossa amostra é pequena e que a representatividade dos adolescentes do sexo masculino é relativamente fraca.

Porém, e encarando estes resultados parciais como possíveis tendências a verificar nos dados finais do nosso estudo (de que esta amostra representa cerca de um terço), verificou-se que as mães e as filhas se mostraram mais liberais do que os pais e os filhos. Dos quatro grupos, o que se mostrou mais conservador foi o dos rapazes, adolescentes, e o que se mostrou mais liberal, nas respostas dadas, foi o das adolescentes. Além disso, considerando os valores de desvio-padrão encontrados, as adolescentes foram as que revelaram maior homogeneidade nas suas respostas (ver Quadro 3).

Quadro 3
Valores da média e do desvio-padrão,
por sexo e por grupo, para a escala global.

	Média	Desvio-padrão
Pais (n=69)	111.32	20.25
Mães (n=84)	115.31	17.83
Filhos (n=38)	106.00	17.07
Filhas (n=51)	123.94	16.79

O efeito do grupo considerado também se revelou significativo sobre as atitudes emitidas a respeito do papel da mulher: $F(3, 238)=8.01$; $p=.0001$ (ver Quadro 4).

Quadro 4
Análise da variância a um critério
(Efeito do grupo sobre o total da escala AWS)

Fonte	DF	Soma dos Quadrados	Quadrados Médios	F
Intergrupos	3	8044.54	2681.51	8.07
Intragrupos	238	79121.76	332.44	
$p=.0001$				
Total	241	87166.30		

Utilizando o conservador teste de Schéffe, que mais dificilmente nos permite detectar diferenças estatísticas entre os grupos, constatámos que as raparigas (filhas) diferem significativamente dos pais (homens), e dos rapazes, quanto aos seus pontos de vista, não diferindo, no entanto, das mães.

Comparação entre pais e filhos em subescalas específicas da AWS

Uma análise mais específica dos resultados permitiu verificar que as diferenças encontradas entre gerações, dependiam do tipo de assunto em questão. Nas quatro subescalas, a seguir, descritas recorreu-se, mais uma vez, à comparação entre médias, no âmbito de significância de .05, através do teste de Schéffe.

Escala FI — Liberdade e independência

Quanto a esta escala, as filhas foram o grupo que apresentou uma média mais elevada e um menor desvio-padrão, mostrando-se, assim, mais liberais do que os outros três grupos, e com uma menor dispersão de respostas (ver Quadro 5).

Quadro 5
Valores da média e do desvio-padrão,
por sexo e por grupo, para a subescala FI.

	Média	Desvio-padrão
Pais (n=69)	6.74	2.40
Mães (n=84)	7.16	2.32
Filhos (n=38)	7.03	1.93

Filhas (n=51)	8.49	1.75
---------------	------	------

O efeito do grupo também se revelou significativo sobre as respostas a esta escala. A análise da variância a um critério conduziu-nos a esta conclusão: $F(3, 238)=6.96$; $p=.0002$ (ver Quadro 6)

Quadro 6
Análise da variância a um critério
(Efeito do grupo sobre o total da subescala FI)

F	Fonte	DF	Soma dos Quadrados	Quadrados Médios	F
	Intergrupos	3	98.57	32.86	6.96
	Intragrupos	238	1124.01	4.72	
	p=.0002				
	Total	241	1222.58		

Pela comparação entre os grupos considerados é possível verificar que o escore das filhas é estatisticamente diferente daquele obtido pelos pais, mães e filhos, respectivamente. Não foram encontradas diferenças significativas entre os restantes grupos.

Escala VEI — Papéis relacionados com a educação, com o percurso vocacional e com a profissão.

Nas respostas a esta escala, as mães e as filhas foram os grupos que apresentaram as médias mais elevadas (ver Quadro 7).

Quadro 7
Valores da média e do desvio-padrão,
por sexo e por grupo, para a subescala VEI.

	Média	Desvio-padrão
Pais (n=69)	40.28	7.57
Mães (n=84)	41.95	6.77
Filhos (n=38)	37.08	8.21
Filhas (n=51)	44.61	5.34

Com o recurso à análise da variância, também se encontrou um efeito significativo do grupo considerado sobre as atitudes expressas neste domínio: $F(3, 238)=9.17$; $p=.0001$ (ver Quadro 8).

Quadro 8
Análise da variância a um critério
(Efeito do grupo sobre o total da subescala VEI)

Fonte	DF	Soma dos Quadrados	Quadrados Médios	F
Intergrupos	3	1343.04	447.68	9.17
Intragrupos	238	11624.50	48.84	
p=.0001				
Total	241	12967.54		

A comparação entre médias levou-nos a concluir que os filhos diferem significativamente das mães e das filhas, sendo o grupo mais conservador. Não foram encontradas diferenças entre os restantes grupos.

Escala MRO — Relações e obrigações familiares.

Uma vez mais, aconteceu o mesmo do que na escala anterior. Nas respostas aos itens, as mães e as filhas foram os grupos que se manifestaram mais liberais

(ver Quadro 9).

Quadro 9
Valores da média e do desvio-padrão,
por sexo e por grupo, para a subescala MRO.

	Média	Desvio-padrão
Pais (n=69)	36.45	6.59
Mães (n=84)	38.60	5.27
Filhos (n=38)	34.58	5.35
Filhas (n=51)	40.90	4.62

Foram também encontradas diferenças significativas entre os quatro grupos: $F(3,238)=11.42$; $p=.0001$ (ver Quadro 10).

Quadro 10
Análise da variância a um critério
(Efeito do grupo sobre o total da subescala MRO)

Fonte	DF	Soma dos Quadrados	Quadrados Médios	F
Intergrupos	3	1063.63	354.54	11.42
Intragrupos	238	7387.08	31.04	
p=.0001				
Total	241	8450.72		

A comparação entre médias revelou que o escore das filhas foi estatisticamente diferente do dos pais e dos filhos, respectivamente. Além disso, as mães diferiram significativamente dos filhos, não se encontrando, neste assunto particular, diferenças entre mães e filhas.

CONCLUSÃO

Torna-se necessário concluir o estudo para dar maior credibilidade empírica a estas conclusões. No entanto, de uma maneira geral, elas parecem situar-se na linha de resultados obtidos noutros países, em investigações semelhantes, em que foi utilizado o mesmo instrumento de recolha de dados. Além disso, verificámos que a AWS também revela, com a nossa amostra, boas características psicométricas.

Tratando-se da medição de atitudes, parece-nos de alguma pertinência averiguar até que ponto as respostas dos sujeitos não foram influenciadas pela desiderabilidade social. Seria, então aconselhável, correlacionar as respostas à AWS com um instrumento que operacionalize aquela variável.

Actualmente, encontramos-nos na fase final de recolha de dados, pelo que, a curto prazo, esperamos poder tornar conhecidas as conclusões deste nosso trabalho.

BIBLIOGRAFIA

AMÂNCIO, L., *Masculino e feminino: a construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento, 1994.

BEERE, C. A. (Ed.), *Gender roles. A handbook of tests and measures*, New York, Greenwood Press, 1990.

DAMBROT, F. H., PAPP, M. E, e WHITMORE, C., The sex-role attitudes of three generations of women, *Personality and Social Psychology Bulletin*, 1984, 10, 3, 469-473.

EAGLY, A. e MLADINIC, A. Are people prejudice against women? Some answers from research on attitudes, gender, stereotypes, and judgments of competence,

European Review of Social Psychology, 1994, Vol. 5, 1-35.

HELMREICH, R. L., SPENCE, J. T., e GIBSON, R. H., Sex-role attitudes: 1972-1980, *Personality and Social Psychology Bulletin*, 1982, 8, 4, 656-663.

HYDE, J. S. , *Psicología de la mujer. La otra mitad de la experiencia humana*, Madrid, Ediciones Morata, 1995.

LOO, R. e THORPE, K., Attitudes toward women's roles in society: A replication after 20 years, *Sex Roles*, 1998, 39, 11/12, 903-912.

NETO, F., Estereótipos etários: abordagem intercultural, *Psicologica*, 1992, 8, 81-94.

NETO, F., Conhecimento de estereótipos sexuais em filhos de ex-emigrantes portugueses regressados a Portugal, *Revista Portuguesa de Psicologia*, 1993, 29, 65-79.

NETO, F., Psicologia social e cultura portuguesa, *Revista Portuguesa de Psicologia*, 1995/96, 31, 61-87.

NETO, F. e WILLIAMS, J., Estereótipos sexuais em jovens adultos: Estudo intercultural, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1989, XXIII, 163-176.

OLIVEIRA, J. H. B., *Psicologia da Educação Familiar*, Coimbra, Livraria Almedina, 1994.

SIMÕES, A., Problemas actuais de psicologia das diferenças sexuais, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1983, XVII, 35-59.

SIMÕES, A., Alguns mitos, respeitantes ao idoso, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1990, XXIV, 109-121.

SIMÕES, A., São os homens mais agressivos que as mulheres?, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1993, XXVII, 3, 387-404.

SPENCE, J. T. e HELMREICH, R. L., The Attitudes Toward Women Scale: An objective instrument to measure attitudes toward the rights and roles of women in contemporary society, *Catalog of Selected Documents in Psychology*, 1972, 2, 66. (Ms. No. 153).

TURNER, P. J. e GERVAI, J., A multidimensional study of gender typing in preschool children and their parents: personality, attitudes, preferences, behavior and cultural differences, *Developmental Psychology*, 1995, 31, 5, 759-772.